

ISBN-13: 978-987-27772-2-5

Título: Actas del I Encuentro Latinoamericano de Investigadores sobre Cuerpos y Corporalidades en las Culturas

Editorial: Investigaciones en Artes Escénicas y Performáticas

Edición: 1a Ed.

Fecha publicación: 8/2012



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución-CompartirIgual 3.0 Unported](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/).

CORPOS E AFETOS AUTÔNOMOS: UM ESTUDO SOBRE A PERSPECTIVA NÃO-MONOGÂMICA DA REDE DE RELAÇÕES LIVRES (RLI)¹.

Cláudia Machado de Souza²

O presente trabalho busca entender a variabilidade de arranjos afetivos e sexuais para além dos modelos heterossexuais monogâmicos focados na família nuclear, problematizando a noção de autonomia dos corpos. Serão priorizados os debates que se referem ao desenvolvimento do individualismo e a sua relação com a formação da família nuclear, assim como os rearranjos pelos quais as noções de família e casal têm passado.

Os estudos sobre a temática não-monogâmica que antecederam a escolha do objeto deste trabalho se deram nas comunidades virtuais, blogs, sites e reportagens com o intuito de entender os caminhos percorridos pelas pessoas que “subverteram”, ou afastaram-se, de formas hegemônicas de relacionar-se afetiva e/ou sexualmente. Nessas pesquisas que incluíram a leitura de alguns trabalhos acadêmicos e dos textos produzidos pelos próprios grupos, pude conhecer pessoas que acordavam a entrada de outros parceiros em suas vidas, uns ocasionais, outros estáveis, como os casais que freqüentam as casas de *swing* ou as pessoas que mantêm relacionamentos abertos (casamentos abertos e namoros abertos). Encontrei grupos de pessoas como os poliamoristas, que mantêm vários relacionamentos amorosos e sexuais ao mesmo tempo, sem que exista uma hierarquia entre eles, isto é, dizem não fazer diferenciações entre esses parceiros, inclusive afirmam amar e ser fiel a ambos. E finalmente, conheci os RLis (“érelis”), pessoas que fazem parte da Rede de Relações Livres (RLi), que foi o grupo escolhido para o desenvolvimento desta pesquisa.

A Rede de Relações Livres se define como “uma rede social real e prática no ambiente do Rio Grande do Sul, com duas concentrações importantes: na região metropolitana de Porto Alegre e em Santa Maria” na qual o centro de suas “preocupações é o de se livrarem do que

¹ Artigo apresentado no **1er Encuentro Latinoamericano de Investigadores sobre cuerpos y corporalidades em las culturas**.
1 al 3 de agosto de 2012 - Fac. de Humanidades y Artes, Universidad Nacional de Rosario, Rosario, Argentina.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia- PPGSA- UFRJ, orientada pela Prof^a Dr^a. Mirian Goldenberg. E-mail: souza.claudiam@gmail.com

até hoje é um tabu máximo: a monogamia”.³ O cartunista Latuff expressa num de seus trabalhos (fig.1) o que significa para ele viver relações livres.

A escolha pelo estudo da RLi não foi arbitrária, ela se deu, em grande medida, porque o grupo, ao contrário dos outros levantados, focavam o indivíduo - a autonomia dos corpos e dos afetos- no lugar da relação de casal. A configuração afetiva e/ou sexual entre os RLis partia de um ponto único o “eu” RLi, enquanto as demais configurações não-monogâmicas partiam da díade- o casal- e dependiam do acordo entre as suas partes. Assim mesmo, a escolha do grupo também se deu pelo caráter público e consensual das práticas RLi.

O método empregado para a pesquisa foi o etnográfico e dividiu-se em dois momentos: Um estudo netnográfico⁴ e uma etnografia da Rede de Relações Livres em Porto Alegre.

O primeiro momento foi a análise do conteúdo disponibilizado pela RLi nas plataformas virtuais, isto é, se buscou entender o discurso construído pelo grupo para a publicização, para tal foi utilizado o método Netnográfico⁵. Segundo AMARAL (2008):

A transposição dessa metodologia [a etnografia] para o estudo de práticas comunicacionais mediadas por computador recebe o nome de Netnografia, ou etnografia virtual e sua adoção é validada no campo da comunicação pelo fato de que “muitos objetos de estudo localizam-se no ciberespaço” (MONTARDO & ROCHA, 2005, p. 01) e demandam instrumental apropriado para sua análise. (AMARAL, 2008:35).

Sobre esse tipo de pesquisa NOVELI (2010) afirma:

Como em outros métodos de pesquisa, a netnografia possui um corpo de procedimentos organizado por Kozinets (2002) e replicado por diversos outros autores (LANGER; BECKMAN 2005; ROCHA; BARROS; PEREIRA, 2005; SANDLIN, 2007). Os procedimentos são: (1) *entré*, (2) coleta de dados, (3) análise e interpretação, (4) ética de pesquisa e (5) validação com os membros pesquisados (*member checks*). (NOVELI, 2010:116).

Entre as plataformas utilizadas pelo grupo está o blog, o Facebook, o Twitter, uma lista de e-mails, o MSN e o Gtalk que são usadas, de maneira geral, como meios de

³ Durante a pesquisa a coordenação da RLi decidiu abandonar os investimentos em criar uma RLi em Santa Maria e concentraram suas ações em apenas em Porto Alegre, porém ainda é possível observar o uso de termos como “RLi- RS” e “Coordenação Estadual”, o que sinaliza uma atuação para além de Porto Alegre .

⁴ Os resultados desta primeira fase da pesquisa foram apresentados em Amor no plural: Uma netnografia das relações não monogâmicas, meu Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) de Especialização em Gênero e Sexualidade (CLAM/IMS/UERJ) em 2011.

⁵ Alguns autores utilizam no lugar de método netnográfico, etnografia no virtual ou apenas etnografia. Este artigo não se ocupará do debate sobre a categoria mais adequada para definir este método de pesquisa, ela será utilizada aqui apenas para demarcar um momento de etnografia no campo “virtual” e um momento de etnografia no campo físico de Porto Alegre.

divulgação. Para uma análise do conteúdo da RLi que trouxesse uma leitura próxima da realidade vivenciada por essas pessoas foi preciso que se investigasse uma parte considerável destas plataformas.

O grupo mantém um blog (fig. 2) a partir do qual foram encontradas as primeiras leituras sobre o tema das relações não-monogâmicas. Nesse espaço, além de textos sobre relações monogâmicas e relações livres, são apresentadas diferentes frentes do grupo, entre as quais a “arquitetura do grupo”, como os membros da RLi costumam se referir. A partir do primeiro contato com o grupo por um e-mail disponibilizado no blog, identifiquei-me como pesquisadora e fui direcionada a um dos membros do grupo que seria o meu contato a partir de então. Meu endereço de e-mail foi adicionado a uma lista a partir da qual receberia a agenda dos encontros e outras informações que eram igualmente divididas para todo o grupo- encontros político-culturais, passeios, festas, indicação de leitura e as atualizações do blog faziam parte desta correspondência. Desde 2010 recebo informações da RLi por e-mail e mantenho conversas sobre o tema com meu informante através de plataformas de mensagens instantâneas como MSN e Gtalk.

O Twitter e o Facebook, apesar das especificidades de cada uma das plataformas, estão sendo usados como espaços de divulgação das atividades do grupo. Na última semana de Setembro de 2011, a RLi iniciou suas atividades com o uso da plataforma *twitcam*. Neste primeiro encontro⁶ de um pouco mais de uma hora, alguns membros da RLi se ocuparam de responder às questões de pessoas que desejam entender o seu modo de vida. Entre as questões abordadas estava a fidelidade nas relações livres. O tema é mencionado no Blog na definição de poliamor que:

(...) é a possibilidade de se ter duas ou mais relações afetivo-sexuais onde esteja incluída a cláusula de “polifidelidade”; ou seja, o dever de exclusividade sexual aos parceiros reconhecidos e com direitos de ingerência nas possibilidades e opções de relação um do outro. Andamos **junto quando o assunto é objetar a monogamia. Mas RLi é incompatível com a moral da exclusividade sexual (mal denominada de “fidelidade”). Seja a sua forma monogâmica seja a sua forma poliamorista. Rompemos com a exclusividade monogâmica mas não para cair na exclusividade poliamorista.**⁷

Durante a conversa na *twitcam*, a fidelidade é reconhecida como parte das relações livres, porém concebida de maneira diferente dos poliamoristas. Existe para a RLi uma

⁶ O vídeo do primeiro encontro da RLi via *twitcam* está disponível em: <http://twitcam.livestream.com/6mrvn>

⁷ Disponível em: <http://rederelacoeslivres.wordpress.com/essencial/>

diferenciação entre a fidelidade e a exclusividade (que não fica tão clara no trecho acima). Eles afirmam que são fiéis em suas relações, mas isso não implica em exclusividade amorosa e/ou sexual. Essa complementação dos discursos produzidos nas duas plataformas para o entendimento das suas concepções sobre a fidelidade é um exemplo do tipo de trabalho necessário para se entender o grupo por completo.

No segundo momento da pesquisa foi realizada uma observação participante⁸ entre os RLis de Porto Alegre. Desde o início da investigação existiu uma boa recepção por parte de muitos dos membros do grupo no que se refere à realização da pesquisa. A permanência no campo por um longo período me foi garantida pelo meu contato, o qual é responsável por receber as pessoas de outras cidades e países para conhecer a RLi. Foi apresentada a possibilidade de circulação e permanência nas casas de vários membros do grupo.

Em Porto Alegre, fui recebida por Marco, um dos integrantes da coordenação da RLi em sua casa no Centro Histórico da cidade, onde permaneci por 4 dias. Nesse período participei de duas reuniões, uma festa e algumas caminhadas pela cidade. Pude conversar com outros cinco integrantes da RLi, além de “amigos da RLi”, pessoas que não fazem parte da rede, mas que são apoios da rede ou tem afinidade com o seu modo de vida.

1. Corpos e afetos dissidentes

Existe uma multiplicidade de arranjos afetivos e sexuais que se distanciam da heterossexualidade monogâmica que são permeados pela identidade de gênero e a orientação sexual.

A arbitrariedade cultural e o seu caráter relacional são considerados parte constituinte do conceito de gênero conforme aponta CARRARA et al (2010a:19). Portanto, ao indicar gênero como um dos marcadores sociais importantes para este estudo se pretende dá conta das especificidades culturais e das relações travadas entre as pessoas que fazem parte da RLi.

A orientação sexual é importante no debate das relações livres quando concebida como:

Aquilo que diz “respeito ao comportamento humano, fruto de interações complexas ente fatores biológicos, psicológicos e socioculturais. É composta por três dimensões: desejo, conduta ou comportamento sexual e identidade. Essas três dimensões não são necessariamente convergentes, de modo que nem sempre seguem numa mesma direção. (CARRARA et al, 2010b: 56).

⁸ Esta observação trata-se da primeira ida ao campo entre os dias 16 e 19 de Março de 2012 em Porto Alegre (RS).

Ambas as concepções, gênero e orientação sexual, trazem importantes contribuições para se entender o desenho dessas conjugalidades dissidentes, em especial nos trabalhos de Braz (2010), Kulick (2008) e Pelúdio (2005) que em seus campos específicos de investigação apresentam a fluidez dessas categorias.

A natureza pública e consensual desses relacionamentos é importante para se entender o lugar que as relações livres ocupam no campo das relações amorosas e sexuais. Zilli (2009) em entrevista ao CLAM⁹ destaca o consentimento e o anonimato como característicos das práticas BDSM (Bondage, Disciplina, Sadismo e Masoquismo). Sobre o consentimento no BDSM ele afirma:

O senso comum considera o BDSM como uma coisa patológica ou criminosa. No entanto, há um esforço entre seus adeptos em legitimá-lo, tornar a prática “politicamente correta”, que se dá através de “ferramentas argumentativas” como o conceito de SSC (que significa que a atividade é *sã, segura e consentida*). Nenhuma das atividades BDSM deve ser praticada sem que todos os indivíduos concordem com o que esteja acontecendo, para os envolvidos tem que haver consentimento. O diálogo é muito importante entre seus praticantes.

Nessa perspectiva, o BDSM se aproxima das relações livres ao inserir o diálogo e o acordo como parte da construção das “parcerias”. Nesse sentido, as relações não são dadas, naturalizadas, mas são frutos de relações visíveis, isto é, relações nas quais os indivíduos se reconhecem, as quais não foram institucionalizadas como a noção de casamento, por exemplo.

Em contrapartida, o BDSM se afasta em grande medida das relações livres ao lançar mão de plataformas que possibilitam o anonimato: “(...) a Internet dá a possibilidade do anonimato, o que facilita entrar em contato com outras pessoas que têm gostos semelhantes” (ZILLI, 2009)¹⁰. Nesse mesmo sentido, Von Der Wei (2010:793) em seu trabalho sobre *swing* aponta que “na busca por diversificar suas relações sexuais para além do casal, os praticantes de *swing* parecem se aproximar da ordenação do mundo público *gay* apontada por Heilborn, que se funda em relações múltiplas e muitas vezes anônimas”. As relações livres são caracterizadas pelo desejo da visibilidade. Em seu site a RLi afirma: “Pensamos, sentimos e nos relacionamos, inclusive de forma pública, sob o que denominamos de “relações livres”: temos quantos amores quisermos”.¹¹

⁹ Site do Centro Latino-americano em Sexualidade e Direitos Humanos: www.clam.org.br

¹⁰ Idem à nota de rodapé nove.

¹¹ Idem à nota de rodapé sete.

A dimensão afetiva nas relações livres se contrasta com o “adultério consentido” de Von Der Weid. Enquanto no primeiro se pensa em amores, isto é, numa liberdade afetivo-sexual, no segundo existe uma “exclusividade sob nova roupagem”. Nas palavras da autora, “É justamente na separação entre sexo e amor que se encontra a exclusividade nas relações *swingers*” (Von Der Weid, 2010:794). As ideias de monogamia amorosa e poligamia sexual são interessantes categorias para se pensar as especificidades das relações livres e o quanto elas se afastam do formato monogâmico tradicional. Entre os RLis, a concepção de fidelidade monogâmica e/ou poligâmica parece não existir.

Uma enormidade de autores se ocupou de entender as tensões entre o processo de individualização e as conjugalidades. Féres-Caneiro (1998) e Salem (1989) exploram esse aspecto em seus trabalhos apresentando uma multiplicidade de configurações amorosas e/ou sexuais acordadas entre casais no sentido de equilibrar os dois polos: Os interesses individuais e os interesses do casal.

Salem chamou de fenômeno do casal igualitário (e casal grávido), os indivíduos letrados das camadas médias cariocas que problematizavam acerca dos limites necessários a serem estabelecidos entre sua individualidade e a relação com os seus parceiros, normalmente exteriorizavam as suas reflexões a partir de discursos construídos com o aparato das disciplinas psicológicas, isso se dava, em grande medida, por seu contato teórico e/ou terapêutico. Os casais pesquisados pela autora mantinham um constante debate sobre as suas necessidades individuais e por conta disso, ingressavam num contínuo diálogo com seus parceiros no sentido de acordar a melhor maneira de vivenciar suas relações afetivo-sexuais. Nesse sentido, suas concepções sobre temas como a fidelidade tinham contornos específicos. Para a maior parte dos seus pesquisados a infidelidade está em não cumprir os acordos estabelecidos entre o casal; ao contrário, relações afetivas e/ou sexuais fora do casamento podem não ser concebidas como infidelidade, em especial quando acionado o mecanismo de confissão. Confessar uma relação extraconjugal, “ser sincero”, além de ser valorizado por eles, parece fortalecer a sua relação conjugal.

Féres-Carneiro (1998) aponta em seu artigo o que chama de “a lógica do um e um são três”:

Todo fascínio e toda dificuldade de ser casal, reside no fato de o casal encerrar, ao mesmo tempo, na sua dinâmica, duas individualidades e uma conjugalidade, ou seja, de o casal conter dois sujeitos, dois desejos, duas inserções no mundo, duas percepções do mundo, duas histórias de vida, dois projetos de vida, duas identidades individuais que, na relação amorosa, convivem

com uma conjugalidade, um desejo conjunto, uma história de vida conjugal, um projeto de vida de casal, uma identidade conjugal. Como ser dois sendo um? Como ser um sendo dois? Na lógica do casamento contemporâneo, um e um são três, na expressão de Philippe Caillé (1991). Para Caillé, cada casal cria seu modelo único de ser casal, que ele chama de "absoluto do casal", que define a existência conjugal e determina seus limites. A sua definição de casal, contém portanto os dois parceiros e seu "modelo único", seu absoluto.

Salem e Féres-Carneiro se aproximam ao abordar como o “ideal de completude”, essa necessidade de buscar no outro a respostas para as suas demandas, existente entre os grupos que pesquisaram está relacionado com o grande número de separações e recasamentos. Os RLi, ao contrário, não parecem ter tal preocupação, uma vez que ingressam em relações afetivas e/ou sexuais de diferentes vínculos na medida que acreditam serem necessárias, isto é, parecem negar a díade e focam-se numa espécie de “eu RLi”, no qual os desejos e afetos são autônomos, isto é, o campo da negociação a dois sai de cena, dando espaço a uma liberdade individual de gerencia afetivo-sexual de caráter consensual¹², base dos princípios da RLi.

2. Corpos e afetos autônomos

Parte da perspectiva não-monogâmica da Rede de Relações Livres (RLi) pode ser analisada nas observações e relatos obtidos em campo que serão apresentados a seguir.

Na minha primeira ida a campo fui recebida por Marco e Roselita, que mantêm um relacionamento há pelo menos 15 anos, inicialmente como uma relação aberta (RA) e posteriormente como uma relação livre. Marco me recebeu em sua casa no centro histórico de Porto Alegre onde ele mora sozinho e mantêm um quarto para receber hospedes, onde fiquei instalada durante quatro dias. Roselita mora sozinha num apartamento a poucos minutos da casa de seu companheiro. A independência financeira (em especial a feminina) e a autonomia na organização de sua vida foram pontos levantados durante as conversas com Marco, inclusive ressaltadas em entrevistas da RLi publicizadas.

A agenda de atividades durante o campo foram sugeridas pela RLi, um acordo feito entre nós antes da minha chegada na cidade. Entre as atividades, estava a nossa participação de uma festa- “Festa na Floresta”- que aconteceria num pequeno sítio a cerca de uma hora do

¹² O caráter consensual, neste caso, está relacionado a uma adesão aos princípios do grupo, ao conhecimento prévio das maneiras próprias de vivenciar relações afetivas e sexuais livres.

centro da cidade para onde fomos de “carona solidária”¹³. Antes de irmos para festa, eu e Marco saímos de sua casa para nos encontrarmos com Roselita num supermercado próximo para comprar comida e bebida para levarmos para a festa, onde seria montada uma mesa comunitária onde todos partilhariam o que levassem. Feitas as compras, caminhamos até o apartamento de Roselita que era mais próximo e onde sua amiga passaria para buscá-la de carro. Subimos para o seu apartamento e ao entrarmos encontramos um jovem rapaz que fumava um cigarro encostado num sofá-cama. Ele nos cumprimentou meio sonolento, deixamos as compras, nos despedimos de Roselita e saímos. Enquanto caminhávamos em direção a sua casa, Marco me disse, como se soubesse que eu esperava um comentário sobre a situação “Esse é o novo namoradinho da Lita! Hoje será a primeira vez que sairemos juntos”. Eu sorri e continuamos andando. Marco, Roselita e seu novo namorado se encontraram na festa naquele sábado e no domingo à noite num bar. Os companheiros de Roselita se cumprimentavam de maneira amigável e conversavam sem qualquer constrangimento. Todos agiam com “grande naturalidade” diante da situação. Ao que parece Marco e o novo companheiro de Roselita não precisavam manter (obrigatoriamente) qualquer relação de companheirismo, no sentido de relacionarem-se ou estabelecer laços de amizade. A relação de “namoro” era de Roselita, tratava-se de uma escolha individual, a saída juntos (Marco, Roselita e seu novo companheiro) se deu não pela necessidade de apresentar o rapaz a seu companheiro de anos e obter a sua aprovação ou algo do gênero, mas porque decidiram ir à mesma festa. Não parece existir entre os RLi a necessidade de acordar a entrada de novos companheiros exatamente porque não existe a ideia de um território de domínio do casal, a escolha está centrada no indivíduo e na autonomia dos corpos e dos afetos.

Durante as muitas horas que eu e Marco conversamos sobre a sua vivência RLi, dois dos seus relatos me chamaram atenção. Ambas as histórias trazem à tona como algumas noções de casal e família muito recentes parecem cristalizadas no imaginário social, colaborando no sentido de inibir a expressões de sexualidades e afetividades contra-hegemônicas.

O primeiro relato trata-se da história de uma RLi que é mãe de uma menina em idade escolar. Certa vez, ela foi chamada para comparecer a escola da filha por conta de um desenho feito durante uma das aulas, onde a menina desenhou a mãe e seus dois pais. Quando

¹³ É a maneira como se chama quando um amigo oferece transporte de carro sem que seja necessário contribuir com os custos da viagem.

a menina foi indagada sobre as duas figuras masculinas, respondeu que se tratava dos dois namorados da mãe, o que na visão da escola pedia o comparecimento da mãe para uma conversa. Na reunião na escola, a mãe esclareceu que realmente se tratavam de seus dois namorados, pais da menina, que frequentavam a sua casa e ainda apontou que ao invés de se preocuparem com crianças que tem dois pais e são amadas por ambos, devia se preocupar com crianças que não recebem tanto carinho assim.

A visibilidade das relações livres propagada pela RLi encontra-se no posicionamento desta mãe ao conectar a educação familiar e a educação formal (escolar). Ao afirmar a sua configuração afetivo-sexual como tão legítima quanto qualquer outra, ela insere uma nova problemática no ambiente escolar que extrapola os debates sobre monoparentalidade ou homoparentalidade.

O segundo relato trata-se da história de uma pré-adolescente irmã de um RLi. A jovem costumava acompanhar o irmão em algumas reuniões, logo ouvia os debates acerca das relações não-monogâmicas e a proposta de vivência RLi. Durante uma conversa com a mãe, dessas com tom de brincadeira e de curiosidade sobre os meninos que ela admirava na escola e possíveis namorados, a menina disse que não tinha um, mas dois namoradinhos na escola e provocou enorme escândalo na mãe que a agrediu psicológica e fisicamente. De acordo com os valores morais da mãe é inadmissível que a filha tenha dois namorados, mesmo que ela tenha plena certeza que os namoros se tratam muito mais de laços de amizade do que de qualquer outro tipo de relação. O intrigante é perceber este olhar em contraste com a configuração afetiva na qual ela está inserida. Os pais da menina estão em processo de separação judicial, no qual a questão principal é a guarda da menina. Ao contrário do que acontece normalmente, eles estão disputando para não serem responsáveis pela filha. O pai vem de uma série enorme de recasamentos e para atual união com uma mulher evangélica, ele parece querer apagar os vestígios de suas vidas anteriores, o que inclui a sua filha. Enquanto o processo não chega ao fim, a menina está com a avó que também não pode se responsabilizar pela sua educação.

A ideia de monogâmica seriada cristalizou-se como moral (e sacralizou-se) recentemente de tal maneira que hoje é usada da mesma forma como a noção de casal e família do século XVIII. Nesse sentido, pode-se justificar a sanção daqueles que ingressam

em relações afetivo-sexuais que naquele espaço e momento histórico entram em conflito com a ideologia hegemônica.

3. Conclusão

A perspectiva não-monogâmica da Rede de Relações Livres parece uma versão radical de individualismo, de valorização do aqui se chamou de autonomia dos corpos e dos afetos. O deslocamento da centralidade no casal para o indivíduo abre um enorme campo para os estudos sobre gênero, sexualidade, conjugalidade e etc. ao propor uma trama complexa de relações afetivo-sexuais e novas problemáticas dela decorrentes que se inter cruzam com uma robusta produção já em andamento nestes campos.

A cristalização (e sacralização) reinventada de casal e família são o centro das críticas dos RLi que propõem uma vivência afetiva e sexual que dê conta das suas necessidades individuais, ao invés de responder a uma construção arquitetada, de maneira geral, pela Igreja e os interesses do capital. Parte significativa dos membros da RLi é formada por comunistas e anarquistas; feministas; ateus; acadêmicos; em suma, indivíduos de setores intelectualizados que pesquisam, estudam, debatem e militam para desnaturalizar a monogamia.

A autoidentificação como movimento social situa a RLi no campo da construção identitária afirmativa, isto é, mais do que criar uma identificação entre um grupo de pessoas é preciso dá visibilidade a sua caracterização, buscando afirmar as suas escolhas como legítimas.

Por fim, essa leitura, ainda embrionária da vivência RLi, sinaliza novas maneiras de gerir o corpo de forma libertária, assim como o empoderamento das sensibilidades do indivíduo. O corpo RLi sai do campo do debate e da negociação com o outro para o campo da contemplação dos desejos individuais.

Referências Bibliográficas:

BRAZ, Camilo Albuquerque de. À meia luz: Uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculinos. Tese (Doutorado)- Universidade Estadual de Campinas- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas- SP: 2010.

CARRARA, Sérgio; et al. Curso de Especialização em Gênero e Sexualidade v.2. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília, DF: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2010.

FERES-CARNEIRO, Terezinha. A escolha amorosa e interação conjugal na heterossexualidade e na homossexualidade. *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. 1997, vol.10, n.2, pp. 351-368. ISSN 0102-7972.

FERES-CARNEIRO, Terezinha. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. 1998, vol.11, n.2, pp. 379-394. ISSN 0102-7972.

KULICK, Don. Travesti: Prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2008.

PELÚCIO, Larissa. A noite nem todos os gatos são pardos: Notas sobre a prostituição travesti. *Cadernos Pagu (UNICAMP)*, Campinas, n. 25, p. 217-248, 2005.

SALEM, Tania 1989. O casal igualitário: princípios e impasses. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 9(3): 24-37

VON DER WEID, Olívia. Swing, o adultério consentido. *Revista de Estudos Feministas*. Florianópolis: v.18, n.3, p.789-810, Set/ Dec. 2010

ZILLI, Bruno Dallacort. A cena BDSM- Entrevista com Bruno Zilli. Centro Latino-americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM). Publicada em: 14/10/2009 às 10:45. Disponível em: <http://migre.me/5DvDa>

ANEXOS:

Figura 1:



Figura 2:

REDE RELAÇÕES LIVRES – RLI

Feeds:  Posts  Comentários

Rede Relações Livres

Uma rede social no mundo real com o desafio de desatar o nó da monogamia. Vivemos a multiplicidade sexual e afetiva e pensamos isto como um direito humano.



TwitCam

22/09/2011 por Rede Relações Livres

Bate papo ao vivo
pela TwitCam
Com a Rede RLi
para quem quiser participar
ou tirar dúvidas

PROCURAR NO BLOG

DEIXE SEU EMAIL!

Clique para assinar este blog e receber notificações de novos artigos por email!

Join 100 other followers